

R E C O N H E C I D O O L H A R

Ao longo dos últimos oito anos, muitas têm sido as acções em que participámos, não através das matas nem das picadas minadas que em tempos percorremos, mas sim nas coloridas páginas desta publicação (Jornal do Exército), onde temos tido a oportunidade de contar as nossas histórias ocorridas durante os 28 meses vividos em Moçambique de 1966 a 1968. Foi naquela diversidade de situações, certamente semelhantes às vividas pelos milhares de jovens da nossa geração que, como nós, percorreram plainos e montanhas, atravessaram a vau rios e pântanos e estiveram no centro das muitas e desabridas intempéries caracteristicamente africanas, que se constituiu a vida dum combatente. Vida essa que, por ignorância ou deliberadamente, tantas vezes tem sido mal interpretada.

Não nos cansamos de dizer que em qualquer situação de guerra há sempre inocentes que são vítimas colaterais desses próprios conflitos e quando os atingidos são crianças, mais impacto negativo causa na opinião pública.

Veja-se, por exemplo, o que sucede actualmente nas ditas guerras cirúrgicas onde, por vezes, a altíssima tecnologia nelas aplicadas falha e o inevitável acontece, a população indefesa é sacrificada.

Ora, assim sendo, porque não compreender então que as muitas situações relatadas, como de atrocidades se tratassem, que ocorreram durante os treze anos de guerra que travámos em solo africano, onde os meios ao nosso alcance, reconheça-se, não eram os mais sofisticados, não foram provocadas aplicando a lei da “terra queimada”, mas sim pelas vítimas, inocentes, se encontrarem no centro nevrálgico, ou nas imediações dos combates. Em consciência sabemos que existiu um ou outro caso reprovável. Mas, perguntamos: porventura quem os narrou transmitiu os antecedentes que levaram os autores a praticar tais actos?

Não nos esqueçamos que estamos a falar duma guerra subversiva onde nos “golpes de mão” efectuados às bases inimigas se encontrava, quase sempre, população civil que servia de apoio a essas mesmas bases, por vezes, até como escudos humanos.

Lamentamos que não venham também para a ribalta as muitas acções, certamente milhares, praticadas pelas Nossas Tropas que, pelo seu valor, dignificaram, não temos qualquer dúvida do que afirmamos, a índole do **Soldado Português** junto das populações por onde passaram.

É nosso hábito justificar as afirmações que proferimos. Por isso, seleccionámos do nosso “ficheiro memorial” uma passagem que, apesar de não a termos vivido “*in loco*”, é nossa contemporânea e da qual tivemos perfeito conhecimento através de um dos seus principais intervenientes.

Uma vez que não houve oportunidade de contactar com todos os participantes desta história, entendemos, por uma questão de ética, alterar os seus nomes bem como dos locais onde se desenrolou a acção.

Assim, qualquer semelhança, (excepção à frase *Norte de Moçambique*) entre os nomes aqui mencionados e a realidade é pura coincidência:

Na povoação de Chipuena, no Norte de Moçambique, ultimavam-se os preparativos para encetar mais uma operação militar. Desta feita um golpe de mão a uma importante

base inimiga.

O capitão Vargas, comandante da Companhia sediada naquela localidade, mandou chamar ao seu improvisado gabinete, os alferes Albuquerque e Óscar para lhes comunicar as directrizes quanto à operação a realizar:

— Tenham em linha de conta que a base que vão “visitar”, e segundo informações do prisioneiro que vos servirá de guia, está fortemente armada e é composta por muitos guerrilheiros. O factor surpresa é importantíssimo — atalhou ainda o capitão.

— Ó meu capitão essa recomendação é desnecessária — disse a sorrir o Albuquerque que iria comandar a operação.

— Sim! Mas nunca é de mais lembrá-la. — Depois de acertados mais alguns pormenores, o comandante finalizou a reunião desejando-lhes boa sorte e muito sucesso.

Seguidamente, os dois alferes convocaram os seus homens aos quais lhes transmitiram as instruções sobre o objectivo daquela saída.

Para dissimular possíveis informadores do inimigo existentes no seio da população, o pessoal foi saindo apeado e por secções, com alguns intervalos de tempo entre elas, subindo mais à frente para as viaturas que disfarçadamente já se encontravam na picada.

Percorridos mais alguns quilómetros toda a força envolvida na operação apeou-se e embrenhou-se pela mata rumo ao objectivo.

Cerca das cinco horas da manhã a força militar chegou ao seu destino. O objectivo foi localizado facilmente, o guia era colaborante, avistando-se logo, com alguma nitidez, duas sentinelas conversando descontraidamente, era sinal de que as NT não tinham sido detectadas.

O alferes Albuquerque, entusiasmado pelo sucesso obtido até ao momento, ordena o envolvimento e determina as posições de assalto ao acampamento. Todavia, aquele oficial, talvez para ter uma melhor percepção da posição inimiga, segundo se presume, deslocou-se sozinho um pouco mais à frente, regressando de seguida dizendo que tinha sido detectado pelo que ordenou, de imediato, o assalto à base tomando ele próprio a vanguarda.

O inimigo, bem armado, de início ripostou ao ataque com muita força, mas face ao nutrido fogo das NT debandou minutos depois. No acto da retirada fez ainda dois disparos de LGF (lança granadas foguete) que feriram alguns militares, dois deles com gravidade, e arremessou uma granada de mão que atingiu mortalmente o Alferes Albuquerque.

O Alferes Óscar tomou com sangue frio, atitude essencial nestas circunstâncias, o comando das operações, uma vez que o inimigo, já mais distante, continuava a flagelar com alguma intensidade.

O Leandro que ficara ferido numa das pernas, com gravidade, não deixou, por isso, de continuar a disparar, com destreza, a sua bazuca incentivando, ao mesmo tempo, os outros camaradas. Com este procedimento calou de vez as armas inimigas.

O ambiente era, como se pode calcular, de grande tensão e pesar.

Sob a copa duma árvore, envolto num pano de tenda, jazia o malogrado Albuquerque. Os feridos, debaixo do mesmo "tecto", eram assistidos pelo enfermeiro que com os meios ao seu alcance lhes reduzia o sofrimento. Entretanto, para alívio de todos, chegou o helicóptero para transportar os sinistrados até à sede do sector.

De seguida, muitos homens ofereceram-se para irem no encalço do inimigo pois queriam vingar a morte do seu alferes. Esta atitude, apesar de ser compreendida pelo

oficial que comandava as operações, não foi permitida já que seria um fracasso, se não mesmo desastroso, tal procedimento.

Após a destruição do acampamento, e quando o pessoal se preparava para retirar, foi ouvido o choro duma criança que vinha do interior da mata. Com as devidas cautelas, pois podia-se estar perante uma cilada, um grupo de homens, com o alferes Óscar à frente, dirigiu-se para o local donde vinha o choro.

A cada segundo que passava a agitação crescia nos militares que se aproximavam dos lamentos da criança que, de quando em quando, eram abafados como que se alguém lhe tapasse a boca para não se fazer ouvir.

— Meu alferes! meu alferes! Já os encontrei — grita o “Madrageo” — A gaja está cheia de medo! — vocifera de novo o militar que ainda tinha nas narinas o cheiro provocado pela explosão da granada que deflagrara junto do seu alferes Albuquerque, de quem tanto gostava.

O Comandante da patrulha e os restantes militares aproximaram-se do local indicado pelo “Madrageo”.

Sentada e encostada a uma árvore de pequeno porte, encontrava-se uma mulher de meia idade, ferida numa das pernas. Nos seus braços tinha uma criança aparentando quatro ou cinco anos. De um dos braços do pequeno, que não parava de chorar, deslizava um ténue fio de sangue, talvez provocado por algum estilhaço durante o tiroteio. A mãe, com transido olhar, não fazia um gesto, não dizia uma palavra. Ela sabia, pela vinda do helicóptero, que do confronto travado entre os seus e a tropa tinha havido, de certeza, feridos ou mortos. Pela sua cabeça passariam, porventura, os mais diversos e mestos pensamentos, uma vez que o militar que a encontrara não parava de barafustar em tom colérico.

— Meu alferes! — Exclama de novo o “Madrageo” — o que é que fazemos com isto? Vamos mas é embora antes que os gajos venham aí de novo. Eles que os venham buscar. Se calhar puseram-nos aqui para servir de isco.

— Porra pá! Estou farto de te ouvir! Quem dá ordens sou eu e tu fazes o que eu te ordenar. — Gritou o comandante.

O graduado, de imediato e com a ajuda do guia que servia de interprete, determinou que a mulher se levantasse e os seguisse.

Ela assim fez, balbuciando, no seu linguajar, breves palavras que queriam dizer, segundo tradução: — *Não ter culpa! Não ter culpa!!!*

O alferes instruiu o tradutor para transmitir à assustada mulher que sossegasse porque ninguém lhe iria fazer mal algum.

Feitos os curativos à mãe e ao filho, que entretanto já acalmara, foram dadas directrizes aos comandantes de secção para encetar a marcha de regresso até ao local onde foram deixados pelas viaturas na noite anterior. Teriam pela frente umas 7 horas de viagem que seriam percorridas através de tortuosos caminhos.

Uma das instruções foi que todos, sem excepção, transportassem ao colo a criança e que repartissem um pouco do seu quinhão de água quer à mãe, que a muito custo conseguia andar, quer ao filho.

Entretanto ainda se ouviu alguém dizer:

— Isto é que é uma “gaita” matam-nos o alferes, ferem o Leandro e o Almeida e ainda temos que carregar com eles ao colo.

Intransigente no comando, o Óscar tomando a dianteira, ao lado do guia, inicia a

marcha, sendo o primeiro, para exemplo, a transportar a criança ao colo. Para trás deixou aquele malfadado lugar levando na retina a imagem, que já mais se apagaria, daquela árvore cuja sombra acoitava um pedaço de terra manchada com o sangue deixado pelo seu camarada Albuquerque.

Era já noite cerrada quando a força militar, desgastada física e psicologicamente, chegou a Chipuena onde foram reconfortados com uma merecida refeição quente. O pequeno mais a mãe, esta bastante debilitada, depois de alimentados, recolheram à enfermaria do quartel.

No dia seguinte bem cedo, a pedido do alferes Óscar e com o consentimento do capitão Vargas, um helicóptero transportou aqueles dois feridos para o hospital de Vila Belo.

Algum tempo depois (dois meses) e enquanto a vida na Companhia seguia o seu ritmo intenso de operações já que, como se disse, na zona a Frelimo estava bem “representada”, aconteceu que:

Certo dia, o alferes Óscar mais uns amigos percorreram a curta distância que separava o quartel do aldeamento para efectuarem uma das muitas visitas que por ali se faziam, com o intuito de demonstrar à população que a “tropa” andava atenta.

Estava uma manhã fresca, desprovida de Sol. Do capim que ladeava a picada pendiam ainda pequenas gotas de orvalho que exalavam um aroma selvagem, apeticivelmente absorvido. A aldeia, que já acordara há muito tempo, fervilhava de animação. Alguns homens e mulheres dirigiam-se para as suas *machambas* (campo de cultivo) onde cultivavam o milho e a mandioca, base do seu sustento, outros montados nas suas *gingas* (bicicletas), dirigiam-se até à cantina. Em redor das palhotas o cacarejar dos galináceos e os patos grasnando ruidosamente davam, de certo modo, ainda mais vida àquele pictórico quadro.

Tão distraídos iam os militares, em amena cavaqueira e apreciando todo aquele colorido matinal, que quase não reparavam numa mulher, envolta em garrida *capulana*, (pano que servia de vestido) levando pela mão uma criança, que ao passar irradiava uma contemplativa expressão dirigida ao alferes Óscar.

Eh pá! — exclama aquele oficial efusivamente — Estes são os feridos que eu trouxe daquela operação em que morreu o Albuquerque! Olha o “raio” do miúdo como está porreiro! E a mãe também! — Atalhou com um certo entusiasmo o graduado.

Mãe e filho, momentos depois, desapareceram ao contornar, mais à frente, uma das muitas palhotas da aldeia. Para trás, ficou o rasto daquele incessante olhar que, ao envolver-se na ondeante e vasta planura coberta de verde capim, parecia querer afirmar: — Obrigado Alferes! Obrigado “Tropa”!

MANUEL PEDRO DIAS